

## Entre o Sagrado e o Profano

Autor: Jorge Bandeira

Pensar o medievo nos dias de hoje é aproximar o homem de uma utopia entre a redenção e o pecado. Sim, é através desta análise que teremos em conta que não existiu uma "Idade Média" ou "Idade das Trevas", termos que foram cristalizados pelos homens do Renascimento, de forma jocosa, preconceituosa e, de certa forma, vingativa. É neste contexto que se insere a História do Corpo neste período da História Ocidental, objeto de transgressão e de conduta ilibada por parte de leigos e religiosos, preocupados em dar vazão aos incontáveis atributos do elemento corporal humano, visando uma integração do mesmo, visto que seria impossível a fuga deste elemento (o corpo material) para os que estivessem vivos. Os mortos não necessitavam mais do "corpo físico". A História que se cria deste corpo, o santificado e o torturado, é feita de paradoxos e dilemas. Aos artistas da Idade Média coube o papel de decifrar este enigma chamado corpo humano, que num primeiro momento do medievo foi alongado e tornado desproporcional, etéreo, para que fugisse ao máximo da perfeição representativa do mundo pagão da antiguidade clássica, notadamente da Grécia e de Roma, universos culturais pagãos, derrotados pelo avanço irrestrito do Cristianismo no Ocidente. É necessária uma nova visão deste corpo nu, ou vestido, e a igreja católica seria a detentora desta "patente" durante mil anos em que perdurou este período. A dúvida, porém, ao contrário do que propaga uma historiografia ultrapassada, foi o elemento de contrição desta nova possibilidade de lidar com o corpo nu. O pecado, se existia, estaria fora deste corpo e não nele ou em seu interior. O corpo do homem, feito a imagem e semelhança do criador, não poderia ser profanado, dissecado, estudado, por muito tempo. Percebeu-se, ainda na Idade Média, a partir do século XIV, que isto inviabilizaria a própria expansão do cristianismo e por este legado da pureza corporal a nudez, em vários aspectos, foi salva das agruras do "inferno" perpetrado pelo regime teocrático dos papas. A oscilação girou entre a repressão ao corpo nu e a liberdade, sendo que as pinturas e afrescos nos permitem vislumbrar uma dicotomia entre a salvação celestial e os castigos dos pecadores nus que iriam sucumbir no inferno abissal. A nudez era tida como um desafio, mas uma decisão unânime sobre o que fazer com ela não era tarefa fácil aos homens do medievo. Caracterizada como uma civilização que prezava o gestual, o corpóreo, a Idade Média lidou de diferentes formas com a nudez, determinando novas bases para a absorção deste Nu, jamais eliminando a nudez do rol de suas discussões. A classificação entre o profano e o sagrado para a nudez seria o resultado de longos embates por estudiosos e lideranças eclesiásticas, e nos países europeus as decisões não eram homogêneas, e dependendo da localização geográfica, as regras de recato e conduta dos que tinham a nudez como pura e sagrada eram toleradas e mesmo incentivadas entre administradores políticos e religiosos. Ao contrário do que foi difundido de forma errônea

durante muito tempo, principalmente pelos historiadores do Renascimento, os homens da Idade Média não odiavam a nudez. A igreja inclusive incentivou por longo tempo aos casais dormirem nus, principalmente após a institucionalização do casamento. Por ser ao mesmo tempo uma prisão para a alma e um instrumento para sua real purificação, o corpo nu transmutou-se em objeto de culto, assim como de desprezo pelo lado material que engendrava nas mentes medievais. A tentação demoníaca alcançou o corpo nu, demarcando a nudez do homem e da mulher, porém a "serpente medieval" foi benevolente com muitos artistas e habitantes que acolheram a nudez em suas vidas e criações. Nem todos foram vitimados pela fogueira do Tribunal da Santa Inquisição. A máxima de São Francisco de Assis "Seguir nu o Cristo nu" foi produzida ainda na Idade Média, e devemos recordar que estes dizeres poderiam colocar o homem no caminho do salvador, e para sua salvação poderiam representar devoção, pobreza e renúncia. A civilização medieval possuía uma forte presença corporal, de extensa materialidade física, repleta de corpos nus em sua iconografia, representados "ao natural", para o deleite de uns e desespero de outros. Para os modernos historiadores é impossível acreditar que somente as sociedades contemporâneas foram as primeiras a se interessar por este corpo nu carregado de complexidades, onde a nudez não seria perdoada em hipótese alguma. Para muitos destes estudiosos a nudez representou a redenção da própria Idade Média, caso contrário o avanço cristão não teria a base concreta de expandir-se, e a concretização está no corpo nu, e não na metafísica abstrata da alma. Para os medievalistas Jacques Le Goff e Nicolas Truong "o corpo é nossa História", o que nos é difícil contestar em se tratando de uma sociedade que vivia da pregação da salvação do homem ainda em vida, e de seu corpo purificado, nu ou não, naturalmente.

Manaus, dezembro de 2006